



TAXA PAGA  
PORTUGAL  
CONTRATO: 536425

CORREIO  
EDITORIAL  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE00602013CE



# Gaiato

Quinzenário • 13 de Dezembro de 2014 • Ano LXXI • N.º 1846 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



BODAS DE DIAMANTE DA OBRA DA RUA  
75 ANOS DA CASA DO GAIATO  
DE MIRANDA DO CORVO-COIMBRA  
(7 DE JANEIRO DE 1940)

PROGRAMA DA COMEMORAÇÃO  
10 DE JANEIRO DE 2015 – SÁBADO

- 12.00 H – EUCARISTIA.
- 13.00 H – ALMOÇO CONVÍVIO.
- 14.00 H – EXPOSIÇÃO: PAI AMÉRICO E A OBRA DA RUA.
- 15.00 H – PALESTRA PELO DR HENRIQUE PEREIRA (UCP – PORTO).
- 16.00 H – PARTICIPAÇÃO DOS RAPAZES DA OBRA DA RUA.
- 16.30 H – INTERVENÇÃO DO PADRE JÚLIO.
- 17.00 H – MERENDA PARTILHADA.

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

# Pelo calor da família

NESTE tempo tão vertiginoso e na sociedade plural em que nos é dado viver, encontramos numa ocasião propícia para o anúncio da mensagem evangélica a pessoas concretas com rosto e nome, nomeadamente a suprema importância da verdadeira família, na complementaridade entre homem e mulher, cuja diferenciação e união conduzem à transmissão da vida humana e à experiência da maternidade e paternidade (que não é estritamente biológica) e à filiação. Em cada ser humano, único e irrepetível, que vem a este mundo revela-se a beleza e a presença do Criador.

Nesta época tão significativa para a humanidade, em que a descida das temperaturas convida ao recolhimento do lar familiar, a pequenada vai sendo distraída com *pais natais* e maquinismos de dois gumes. É um desafio enorme e tão necessário, para os cristãos e todas as pessoas de boa vontade, centrarmos na realidade do Natal de Jesus e acarinharmos o espaço humano básico da sociedade, que é o melhor ambiente para o avanço civilizacional: a família.

Pode ajudar à nossa reflexão, nacional e eclesial, sobre a problemática familiar, traçar um

## VISTAS DE DENTRO

Padre Júlio

A necessidade de representar a nossa Obra, como causa mais premente, levou-me à nossa Casa do Gaiato de Moçambique muito recentemente.

Passaram dezanove anos desde a minha última e primeira visita. Como seria previsível, a realidade actual encontrada nas zonas visitadas, ao redor e na capital, difere muito da outra antes conhecida. Parece-me que salta aos olhos que a onda da globalização do mundo também ali se faz notar, nos objectivos de vida e nos costumes, que os uniformizam também nestas paragens com os padrões de vida pautados pelo primado da economia, embora aqui ainda em arranque desgovernado onde, senão o caos, há pelo menos uma inconsciência prática no uso dos meios para o desejado crescimento económico.

O ambiente criado não é agradável, e só satisfará quem lá vive pelos ditos interesses de ordem económica.

Como em tudo na vida, também ali se torna imperioso parar para pensar o que se deseja fazer dela, embora não se saiba se haverá vontades descendidas do seu umbigo e simultaneamente capazes de colocar em primeiro lugar o bem comum.

Mas o que lá me levou foi a nossa Casa de Moçambique, que passou a acentuar o nome da capital nos seus Estatutos como Casa do Gaiato de Maputo.

Nela, a realidade da sua vivência foi motivo de muita alegria e contentamento, no encontro com uma família da nossa Família em que os sem ela,

gozam do espaço humano e material para crescer e fazerem-se homens.

Falar da outra dimensão que a todos nos caracteriza, a espiritual, não é fácil falar, lá como em qualquer outro lugar. Só pelos frutos que aparecem os poderemos descortinar. Quando a riqueza humana se torna evidente, por aí se descobre um dos mais preciosos frutos que o dom espiritual produz no homem, criado à imagem de Deus que é espírito. E na nossa Casa do Gaiato de Maputo encontrei muita riqueza humana que fala de esperança e de uma palavra nova de que Moçambique necessita.

A isto não é alheio o facto de ser uma família com muitos membros e, dentre estes, muitos serem de idade infantil. Os «Batatinhas» são em grande número, muitas vezes rebentos bravios de uma humanidade marcada por muitos deslizes ou opressões desumanas.

Há ainda pela frente uma imensa tarefa de humanizar, conceito que não pode ser diferente de cristianizar os homens e mulheres daquelas paragens. A nossa Casa, ali, fez já um trabalho notável neste sentido, com todos aqueles que ali têm encontrado o seu refúgio no momento mais crítico das suas vidas, preparando-lhes uma rampa de lançamento segura para partirem para o desafio que a vida lhes fará, quando se tornarem autónomos e independentes.

Cresem, multipliquem-se, mas sem perder a ligação íntima Àquele que os chamou à vida, para que este dom não se perca nem se gaste em banalidades e futilidades efémeras. □

cenário, deveras preocupante, dos principais indicadores demográficos. As tendências dão que pensar e impelem a agir, tardiamente. A população portuguesa tem diminuído, saem mais portugueses do País do que estrangeiros a entrar, os nascimentos têm descido consecutivamente e os casamentos diminuíram, enquanto os divórcios começaram a baixar. Quanto à pobreza, nos últimos anos, o risco aumentou entre as crianças, famílias monoparentais e numerosas, e desempregados.

O declínio cultural do matrimónio e da família tem constituído uma transformação nos costumes, cujas feridas vêm deixando mais vulneráveis os mais frágeis, com as consequentes perdas de vínculos emocionais entre as crianças e os pais. Que a mãe e o pai são bem necessários é uma evidência e experiência pessoal. Uma perspectiva ideológica dita *progressista* tem uma bandeira sub-reptícia de libertinagem. Será que da trilogia da revolução fran-

Continua na página 2

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

VEIO cá uma senhora pedir-me a cobertura da sua barraca.  
— Onde é que mora? É naquele sítio assim, assim?  
— É lá mesmo.

Aí vou eu para me inteirar. Pelo caminho discutia comigo próprio: Então, eu sou contra as pessoas viverem em barracas e vou cobrir uma barraca?

Comprar uma casa e dá-la é muito difícil, mas não é impossível. Poderei dar uma casa, um andar, e depois?... Se não tenho quem acompanhe a família, levanta-se uma confusão contra mim, como já se instalou em vários bairros e ruas: — *Você é que havia de viver junto deles!*

É muito importante ter uma casa. Diria mesmo, basilar. Mas não é tudo! E o grande mal do *Património dos Pobres*, por esse País fora, foi sempre faltar o acompanhamento das famílias acolhidas nas casas. Isto foi copiar o Estado. No Estado não temos muito que aprender.

Fui então, mas não encontrei a tal mulher. A sua barraca é mais adiante. Eram outros.

O sítio é por trás do Comércio e Indústria, mesmo frente ao Centro de Formação Profissional, numa pequena encosta, escondida entre os prédios.

Era meio da tarde deste Inverno. O sol escondia-se por trás de uma nuvem, deixando escapar furtivamente alguns raios.

Fui de carro até perto, pois tenho andado mal de um pé, e aproximei-me uns 50 metros.

Encontro um homem, já idoso, acorçado, de chapéu bem metido na cabeça, a arrancar ervas.

Continua na página 4

# Pelas CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

**BIBLIOTECA** — Continua a crescer com maior número de livros, sendo para isso preciso os nossos carpinteiros fazerem mais algumas prateleiras para colocar as obras literárias que vão surgindo. Continua também a ser feita a ficha de registo de cada livro, para assim ser mais fácil encontrar qualquer livro que seja preciso localizar.

**MÚSICA** — Na nossa sala de música, com a ajuda do nosso professor Januário, temos andado a ensaiar algumas peças para apresentar na noite de Natal. Serão tocadas com instrumentos que vamos aprendendo ao longo do ano: trompete, saxofone, clarinete, trombone e órgão, ao mesmo tempo que estudamos teoria musical.

**POMAR** — O galinheiro do nosso pomar, à medida que vai passando o tempo, vai ficando mais bonito. A D. Amélia tem muito gosto em que fique tudo limpinho e arrumado. Por isso, todos os dias, tem andado a melhorar as condições para os animais e a alimentação deles. É um regalo ver as aves a crescer e a passear no espaço do nossos pomar.

**BICICLETAS** — O Pina e mais alguns rapazes, têm ocupado uma parte do dia a consertar as bicicletas, para que ao Domingo, havendo um chefe para tomar conta, possam disfrutar de umas belas passeatas pela nossa Aldeia. O cuidado maior é que os rapazes não saiam à rua, principalmente os mais novos. □

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

### A ESTATIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE APOIO SOCIAL

— Na altura em que vos escrevo esta crónica está a decorrer uma greve dos funcionários da Segurança Social. O que está subjacente a esta greve é um processo que está no seu início no sentido de se passar para as Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) parte dos serviços actualmente prestados pela Segurança Social, incluindo serviços de processamento de apoios financeiros na área do apoio social. O resultado deste processo será o desemprego de boa parte dos actuais funcionários da Segurança Social e a “estatização” das IPSS.

Tenho sérias dúvidas de que isto seja um passo na boa direcção. Pelos “bens públicos” que produzem (contributo para uma maior coesão social), as IPSS têm direito a co-financiamento público, sem prejuízo de haver casos, como as Casas do Gaiato e outros, que conseguem ser sustentáveis sem nenhum apoio estatal.

Ter acesso a esse co-financiamento não significa que as IPSS devam ficar, também, com a funções de processamento dos apoios financeiros que a Segurança Social concede a pessoas de baixo rendimento. A missão essencial das IPSS deve ser centrar-se na prestação de serviços de apoio social, fazê-lo com a melhor qualidade possível, e não processar administrativamente apoios sociais vindos do Estado. As IPSS não podem transformar-se em repartições públicas.

Com as dificuldades financeiras pelas quais muitas destas instituições estão a passar, é natural que se agarrem a esta “oportunidade” que os poderes públicos lhes estão a proporcionar, mas ir por aqui é ir por caminhos que desvirtuam a missão essencial destas organizações.

Sei que isto não é um perigo para as Casas do Gaiato e para as Conferências Vicentinas porque têm vivido sempre e vão continuar a viver com autonomia relativamente aos financiamentos públicos.

Sendo assim, então porquê estar a falar deste assunto aqui?

Mesmo não estando dependentes dos financiamentos públicos, é dever dos Vicentinos serem observadores atentos de tudo o que se passa nas políticas sociais. Dito isto, a razão principal para trazer este assunto para aqui não é essa. A razão principal é que, também nas Conferências Vicentinas, há riscos para uma espécie de “estatização”. Isso acontece quando, por exemplo, pessoas que se dizem pobres batem à porta de uma Conferência, achando-se no direito da Conferência lhes dar a ajuda que querem e de que podem verdadeiramente não precisar. Isso também acontece quando os Vicentinos se colocam na posição de serem meros distribuidores de ajudas em dinheiro ou em espécie, sem cuidarem de saber se as pessoas a quem dão precisam mesmo de ajuda, ou se é essa a ajuda de que mais precisam.

Que Deus nos ajude a combatermos permanentemente estes riscos, porque eles estão aí todos os dias à nossa frente, na nossa Conferência, e presumo que em todas as outras.

O nosso NIB: 0045 1342 40035435340 43

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da Administração do Jornal):

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

## MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

**MAGUSTO** — Tem sido uma boa tradição da Paróquia de S. José, em Coimbra, com o Sr. Padre João Castelhana. Neste ano aconteceu a 16 de Novembro, Domingo, às 15 horas. Nos nossos transportes e com os Professores Destacados, fomos até à cidade do Mondego, em que nos encontramos com os Escuteiros no adro da Igreja. Participámos em jogos interessantes e depois dirigimo-nos para o salão paroquial, onde nos esperava uma boa merenda com castanhas, organizada pelos Catequistas. Bem-hajam!

**AGROPECUÁRIA** — Naturalmente, o tempo virou de chuva, pelo

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Novembro, 22.900 exemplares

que depois do estudo continuou-se a descarolar o milho grão junto ao celeiro. As couves tronchudas e as nabijas têm sido boas para as nossas sopas. Cortaram-se as ervas daninhas no nosso pomar. Como têm caído muitas folhas das nossas árvores de folha caduca, têm-se varrido os arruamentos da nossa Casa. Os vários relvados voltaram a ser cortados.

**ARRANJOS** — No terceiro quarto do rés-do-chão, foram arranjados alguns tacos estragados e pintadas as paredes. No quarto de banho da sala da televisão, como tinham saído azulejos brancos, foram postos outros, acertando as medidas. Uma vez que se infiltrou água dos chuveiros do quarto de banho do primeiro andar, do edifício a nascente, tiveram de se recolocar os tacos no corredor e num quarto junto, colando-os e lixando-os.

A piscina começou a ser esvaziada para depois se porem os pequenos azulejos que foram saindo.

**AJUDAS** — A nossa Casa vive do nosso trabalho e da partilha dos nossos amigos e amigas. Vão chegando ajudas dos assinantes do nosso Jornal e de outras pessoas e grupos, como de Catequistas paroquiais. Para facilitar os contactos, aí vão os dados: Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo, Tel.: 239532125 – Fax: 239532099. E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt

**ERRATA** — Errar é humano e as gralhas nasceram com a tipografia. Pedimos desculpa aos nossos leitores pelo lapso da repetição informática da nossa Crónica no Jornal anterior, quando afinal deveriam ter saído estas informações. □

## LAR DO PORTO

Casal vicentino

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — As nossas reuniões não são de confraternização, mas para falarmos sobre a vida dos nossos irmãos mais carenciados, aos quais fazemos visitas mensalmente e por eles é que nos reunimos, e ao mesmo tempo para incrementar o espírito Vicentino entre nós. Portanto, um só mesmo espírito de agir aqui e ali conforme a missão Vicentina.

Nestas reuniões são tratados por todos nós os problemas dos nossos pobres e, ao mesmo tempo, rever e rectificar o que fizemos e o que podemos ainda fazer para melhorar o nosso espírito de confrade.

Nós acreditamos que estas reuniões são completamente fraternas entre confrades, estamos em reunião familiar para falarmos de famílias e abordar os assuntos que a eles dizem respeito.

Nós Vicentinos estamos aqui para dar e receber o que nos dão e receber do nosso semelhante lições de amor ao próximo, como diz o mandamento “amarás o próximo como a ti mesmo” e por aí adiante.

Imploramos também a Deus e Frederico Ozanam nas nossas reuniões se realizem em espírito de caridade e amor de querer combater esta pobreza que cada dia avança a passos largos para o seu aumento descontrolado.

Se algum Vicentino estiver disposto a não ter humildade

de não saber ouvir a palavra do Pai e de Vicentino, sai vazio e não leva a semente para poder semear na sua seara, isto porque cada vez existe menos semeadores da palavra do Senhor.

Pedimos-vos com toda a nossa humildade, uma vez que se aproxima o Natal, é nosso dever como cristãos, saber dividir em caridade e ajudarmos nesta divisão que nos tempos que correm é difícil, mas temos fé que com a vossa ajuda, vamos proporcionar um Natal mais feliz aos nossos irmãos mais carenciados, e ver o olhar deles felizes, para terem uma mesa mais composta para toda a família.

Por fim os Vicentinos e as pessoas de que nós somos *recoveiros*, desejamos um Santo e Feliz Natal para todos.

**DONATIVOS** — José Lima, 25€; Dra Maria Emília, 100€; Assinante 73591, 20€; Serafim Neves, 40€; M<sup>a</sup> Alice, 50€; Rosalina, 30€; Carminda Coelho, 50€; Anónima 10€; outra Anónima, 20€; Joaquim Matos, 500€.

Em nome dos nossos irmãos carenciados o nosso muito obrigado e que Deus vos abençoe.

O nosso NIB: 0010 0000 44178020001 58.

O nosso endereço:

Conferência de S. Francisco de Assis

Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

cesa se visará mesmo a destruição dos alicerces da família, natural e cristã? A força da família radica, pois, na complementaridade e para que os filhos e filhas possam crescer com uma mãe e um pai, cujo direito nem sempre é concretizado, por adversas circunstâncias. Problemas humanos, como a imaturidade e a insuficiente preparação para a vida conjugal, e problemas sociais como o desemprego e outros sinais de pobreza estão intimamente associados à provisoriedade da família. Responsabilidade pessoal e compromissos duradouros assustam certos adolescentes e jovens. E também os podem e devem seduzir! Preparar bem e selar uma relação conjugal estável e *carregar* um filho desde o ventre materno são alavancas do progresso civilizacional. Quando isto não acontece, entre os percursos possíveis, perspectivam-se respostas: desde o acolhimento de emergência e para o regresso à família biológica ou autonomia até à adopção, cujo debate é recorrente e candente.

No mundo das crianças, cuja Convenção internacional tem 25 anos, o

Padre Américo, na linha da Caridade e de grandes educadores, com meio século de avanço, testemunhou com a sua vida e uma pena de artista a miséria infantil. Como ele próprio confidenciou, quisera-no afastar dos pobres e dos reclusos e assim se deu às crianças da rua. Tem sido uma multidão delas desde Maio de 1935. Foi no Beco do Moreno, em Coimbra, que lhe apareceu um garoto da rua e embargou o seu caminho «num angustioso e imperativo *venha ver o meu pai que está na cama e a gente passamos fome*». Hoje, com outros matizes, o campo de missão das crianças e adolescentes reveste-se de contornos e legalismos diferentes. Com transformações culturais e sociais tão rápidas, mantem-se sempre de pé o pilar do calor materno e paterno, para além do alimento e da instrução e de outras vertentes numa formação humana integral.

Quando os dias empequenecem e as nuvens cobrem em demasia os horizontes, da lenha que estes miúdos arrumaram com mestria, sobem carradas até à lareira comum e convival, cujas labaredas atizam até mais não, dando corpo ao desejo do pai que pôs à mesa três gaiatos no

dia do Santíssimo Nome de Jesus: *O lume da lareira é a escola de todos os tempos; a escola da verdade, onde criam e alimentam as almas sinceras*. Depois da *bucha* do entardecer até ao estudo, um desvio dos pequenos passa nesta altura de enregelar por este lugar de encontro. O Bubacar, surpreendido, esquivou-se e sorriu de maroto, balbuciando: — *Já vou!*

É ainda tempo de dizer que, nesta labuta, nos chegou grosso relatório proveniente de um tribunal de comarca, em que nos remeteram esta asserção, para também nos pronunciarmos: *Encontram-se ultrapassados os factores de perigo de dois rapazes por nós acolhidos, numa situação familiar muito débil; pois, entretanto, se foi trabalhando alguns anos pelo seu regresso à família natural. O Victório está feliz! Não tardou, porém, um grito materno: — Pode ficar com meu filho (de 3 anos)?* Convosco e com o Menino Deus, vamos ajudá-la a afagar ao colo e a criar este filhinho do coração.

Maria, mesmo pobre de Nazaré, deu ao mundo a maior Riqueza, o seu único Filho. Quem dera que o Natal seja cristão, do Menino que nos vem trazer sempre uma grande alegria para todos os meninos. Regressemos com encanto e mistério à manjedoura e à Estrela do Presépio! □

## VINDE VER!

Padre Quim

## Só o Bem!

QUANDO o clarão do amor invade o interior da pessoa, toda a sua vida fica iluminada. E à volta de si tudo contagia. E de tão irradiada de luz transparece a bondade do Criador. Oh, Benigna enfermidade! «Amar, amar cada vez mais aqueles que na agonia chamam por alguém», antídoto das misérias alheias, que concede saúde e longevidade ao coração.

Tenho em mãos a revista Obra da Rua «50 anos em Angola», a Obra veio para fazer o bem, a quantos a ela recorrem. Isto não é novidade é verdade renovada. O verde nela estampado proclama a esperança. O seu amor preferência é todo dedicado aos pobres, aos mais repelentes da sociedade. Ela é uma resposta generosa para com os que não são amados, para que seja através da sua acção caritativa a continuação da irradiação do amor de Deus, que consuma o bem que começa no coração do homem, por mais pequenino que seja, é sempre uma semente com a vitalidade de

vir a crescer e dar muito fruto. Assim Deus em Pai Américo, assim na sua Obra.

Somos uma grande família vocacionada a fazer o bem — somente este vence o mal. Que mais pode querer a nação, a uma Obra que assegura a família aos filhos que ela permitiu ao abandono? Porquanto esta arma secreta fará o homem de amanhã, promissor do desenvolvimento social e da construção da sólida família do bem. Ora, nós vivemos as necessidades de tudo quanto vai nas letras do alfabeto. E a vontade de amar resiste sempre aos sobressaltos causados pela precariedade dos bens materiais. O pequenino que vem pelo seu próprio pé rogar abrigo, traz o imperativo para ser assistido e educado. E deixa a descoberto o mistério escondido aos sábios e inteligentes e revelado aos pequeninos, eis a verdade canonizada na súplica de acção de graças dirigida por Jesus ao Pai do Céu, a favor dos humildes e simples da terra.

O nosso mundo equipado de tec-

nologias e viciado ao consumismo abriu uma grande fenda, no edifício humano — a raiz da indiferença pela causa do próximo. É o pavoroso desmoronamento da solidariedade, feito do desmoronar destas vidas inocentes. «Onde nasceram as obras humanitárias senão somente do coração do homem?» Jesus de Nazaré, cujo Advento marca a vida de toda Igreja na expectativa do santo Natal, é Rei e centro dos corações, foi tão humano que muitos não deram pela sua vinda, pior ainda é que outros tantos não acreditaram naquele tempo, nem hoje ainda acreditam que Ele seja Deus. Pois é unicamente d'Ele que procede todo o valor divino das obras humanas, sem Ele as mesmas obras são comércio e os obreiros negociantes dos tesouros sagrados. O catraio que chega à nossa Obra já não é um «doentinho» das misérias sociais, é antes um doente de alma que se cura com pão e trabalho, ousadia que não tinha aquando das suas aventuras fora da família. Para completar o bem, as outras armas são o carinho, a justiça e a verdade, alimento adequado à criança do solavanco do mundo. O Evangelho é de hoje, nunca deixou de ser a Boa Nova da salvação, e é sempre lição de vida. □

## VEJO UM RAMO DE AMENDOEIRA...

Padre João

VIVEMOS permanentemente bombardeados por acontecimentos mediáticos que nos deixam atónitos. Quantos deles em flagrante paralelismo dos tempos bíblicos! Não é difícil encontrar situações de corrupção em que os poderosos esmagam os mais débeis explorando-os sem dó nem piedade... Caberiam bem aqui as denúncias de Amós e as queixas amargas de Oseias... mas também o optimismo refrescante de Jeremias que sabe ver para lá da devastação, adivinhando um tempo primavera.

Ao meditar e rezar as situações do nosso mundo conturbado, veio-me à alma a interpelação de Deus ao profeta Jeremias: «Que vês Jeremias?» E, diante da devastação social, existencial e religiosa, Jeremias, retemperado pela força

de Deus não hesita em apostar na esperança de um tempo novo: «Vejo um ramo de amendoeira...!». Por entre os escombros de um povo com uma enorme dificuldade em se erguer, o profeta não desanima; vê mais longe, mais alto, mais ao largo e aponta caminhos novos.

Nem sempre somos capazes de tal audácia profética. Levados pelo negativismo de tantas situações que nos rodeiam, somos pouco corajosos; temos dificuldade em ver mais além e cedemos à força do fracasso. O fracasso também tem uma força própria que se consubstancia em tantas das nossas desistências e na nossa inércia.

O tempo de Advento que já estamos a viver é um tempo de observação acutilante em que, tal como a Jeremias, Deus nos interroga sobre o que vemos e observa-

mos, convidando-nos a olhar para além do horizonte negativo; para lá da calamidade «há mais vida!» Vida abundante. É a vida do nosso Deus que vem permanentemente ao nosso encontro. A densidade da palavra dos profetas que ao longo deste período nos acompanha é uma ajuda preciosa para não nos perdermos no labirinto das inúmeras propostas consumistas que tanto esvaziam este tempo litúrgico em nome do Natal.

«Vejo um ramo de amendoeira...» Não é uma resposta desprovida ou simplista; trata-se de uma resposta exigente, como foi a de João Baptista, o Precursor ou a de Maria no contexto existencial das suas vidas. O Advento passa pela coragem desta resposta a Deus que nos convida a sair da mediocridade em que tantas vezes mergulhamos. □

## BANDA DESENHADA

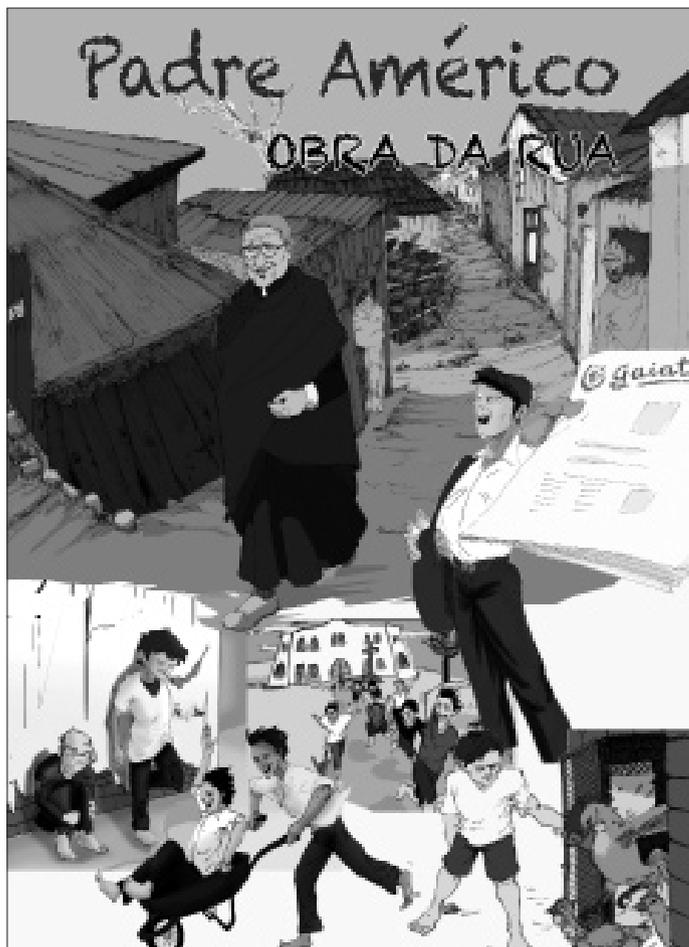
São diários os pedidos que nos chegam e muitos a encomendarem mais que um exemplar. Quando lerdas estas linhas, já uma centena de B.D's. foi expedida pelo correio, para os nossos Assinantes e Amigos, de todos os pontos do País e não só.

Depois do lançamento dos 14 capítulos que a compõem, a preto e branco, foi o entusiasmo dos nossos Amigos e Leitores que nos levou a pensá-la a cores e num volume só — até para compensar um ou outro capítulo que se tenha extraviado e deixado a colecção incompleta.

O conteúdo desta Banda Desenhada foi pensado para todas as idades e como meio de divulgação do pensamento do Fundador. Sendo uma belíssima prenda a ofertar neste tempo de troca de mimos e uma forma de levar a mais pessoas o conhecimento da nossa Obra e das nossas Casas do Gaiato.

Os Amigos que queiram encomendar, devem dirigir o pedido à Casa do Gaiato, 4560-383 Paço de Sousa. Pelo telefone 255752285 ou por e-mail: obradarua@iol.pt.

Júlio A. B. Fernandes



## SETÚBAL

Padre Acílio

## Gaiatos

FOI no Domingo à tarde. Após muitos dias de chuva intensa, o sol raiou. Encheu de luz a Natureza e de bem estar os homens.

«Que lindo dia!», ouço de algumas bocas.

Eu recebia no jardim frontal, rente à cozinha, umas pessoas que vinham entregar roupa. Nisto, ouço barulho estridoroso, de duas motos e reparo que estacionaram, frente à escola primária, agora vazia.

Pareceu-me serem dois antigos gaiatos e fiquei descansado. Eles desmontaram-se e saíram para os lados da vacaria.

«Foram ver», pensei eu. E não me enganei. Os rapazes têm saudades do nosso ambiente.

Viram vitelinhos, novilhas, vacas, porcos, galinhas que também andavam à solta no pomar; as laranjeiras carregadas de fruta, a pintar o alaranjado, por entre o verde escuro da ramagem, a piscina, a eira e apareceram-me já eu tinha despedido os ofertantes.

Instintivamente, saiu-me, um «Olha quem são vocês?!» E um abraço afetivamente clamoroso a ambos, serenou-me.

— Então?

— Queremos ir ao seu escritório.

Abri a porta, puxei por três cadeiras; um deles trazia a mulher, e revelam-me o porquê da sua visita:

— Vimos trazer-lhe umas prendas de Natal e apanhar umas laranjas.

Desembrulharam então uns papéis e puseram-me em cima da secretária 20 relógios novos, modernos e atractivos aos rapazes.

— É para dar à sua malta! — E entregaram-me, cada um, duzentos euros em notas.

Foi uma esplendorosa prenda de Natal. Não tanto pelo valor material elevado, mas, muito mais ainda, por quem o dava.

É indescritível a intensa alegria que o gesto despertou em mim e o consolo que ainda gozo.

São dois rapazes da antiga Casa do Gaiato de Lisboa, que o Sr. Patriarca de então, resolveu assumir, a qual, agora, não os atrai.

— Qualquer dia voltamos. Com mais gaiatos antigos. Queremos vir almoçar convosco!...

São as saudades da família!...

Não é fácil imitar uma Casa do Gaiato. Não. Ela tem de ser marcada por uma doação absoluta de vidas, sem qualquer aproveitamento material, e nunca pelo “faz-de-conta”.

Não bastam as estruturas, é necessário o Espírito. A alma das Casas do Gaiato, nasce de corações pobres, repletos de amor sem limites.

## Tristezas

A maior parte delas não se escrevem no jornal. São segredo de família. Esta encobre quanto possível, o mal dos seus membros.

Um menino já crescido, no corpo e na idade, mas sem amadurecimento, resolveu ir buscar um estrado, para uma cama nova, sem ordem de ninguém.

O Bita havia-lhe sugerido ir ao sótão da vacaria, onde há vários e, escolher um que fosse à medida, mas ele preferiu ir buscar outro que pertencia a uma cama guardada para dar aos pobres.

O Bita tirou-lho e foi pô-lo no sítio dele.

Ora, o menino revoltado, voltou de novo a ir retirá-lo e, depois de grande vasqueiro, partiu-o todo.

Ao chegar a casa, chamaram-me para ver o estrado feito em bocados.

O acusado acabava de pôr as mesas para o jantar, e quando lhe ordenei que trouxesse o estrado destruído para a sala, a fim de ser objecto de tribunal, não te digo o que ouvi da boca dele. Fica só para mim. Não devo revelar.

Mas ele foi. E o tribunal realizou-se na presença da comunidade, antes do jantar e depois do terço a Nossa Senhora.

## Seidi

AS coisas na escola com o Seidi não melhoraram, e a Professora voltou de novo com um recado: — Não está atento, não faz os trabalhos de casa e continua perturbador.

Ora, eu escrevi, acerca do rapaz no último Jornal.

Então, perguntei-lhe, no refeitório:

— Já leste o que escrevi a teu respeito n'O GAIATO?

— Não senhor!

— Então, toma lá... — e entreguei-lhe o Jornal com a seguinte recomendação:

— Agora lê para ti, depois vais ler para todos.

Estávamos à mesa, o Seidi na dele com os da sua idade e o chefe a presidir. No fim da refeição, dei sinal, fez-se silêncio, e o pequeno levantou-se para ler. E leu bem; com o tom preciso da pontuação.

Enquanto o ouvia, pensava comigo:

Olha como é salutar que os rapazes leiam O GAIATO, uns aos outros, e se treinem na leitura diante de todos?!

Com tantos anos nesta vida nunca me havia ocorrido a lembrança.

Afinal de contas, muitas vezes os nossos rapazes não lêem O GAIATO e até os próprios vendedores ignoram a preciosidade que põem na mão dos seus fregueses.

Seidi leu, os outros riram, mas a lição ficou.

Vou ver se consigo que todas as quinzenas haja, durante ou no fim do jantar, uma leitura d'O GAIATO feita por eles. □

## BENGUELA

Padre Manuel António

## A Educação pede paciência

ESTOU a escrever no primeiro Domingo do Advento. É o tempo forte da preparação para a vinda do Senhor Jesus. Quem dera o coração de cada um de nós se encha da Caridade, o Amor autêntico que nos leva a celebrar o Natal como a Festa da grande Família de dentro e de fora das nossas portas. Precisamos de ter muita coragem para entrarmos em todos os cantinhos da nossa vida, para sabermos o que impede a abertura do nosso coração. Queremos ser felizes. A nossa realização pessoal, porém, é condicionada pela partilha do que somos e temos. O egoísmo, a indiferença, perante as necessidades dos mais pobres e abandonados são o grande obstáculo à construção dum mundo mais humano, ao jeito duma grande família. Pouco tempo antes de escrever estas notas, um senhor, de rosto simples e alegre, aproxima-se e entrega-me um envelope com estas palavras: «Obrigado por me dar a oportunidade de compartilhar com os meus irmãos. Faço em cumprimento do mandamento da Caridade. É o pão de cada dia que recebo. Sempre que existir este pão na minha mesa, será compartilhado pelos meus irmãos para que o mandamento do Amor seja cumprido». Ao abrir o envelope encontrei vinte mil kwanzas. Que gesto maravilhoso, como expressão do autêntico Amor fraterno! No dia seguinte, uma mulher pobre e miserável, sem quarto para dormir com as filhas, bate à nossa porta a pedir dinheiro para comprar os blocos. Foi-lhe entregue, imediatamente, todo o dinheiro do envelope.

Os filhos da rua, abandonados, continuam a viver fora do

ambiente a que têm direito. A família é a base insubstituível da sociedade digna. É uma desgraça social que afecta uma multidão de filhos. Ontem, quando saí da carrinha para satisfazer os recados, na cidade, duas crianças agarraram-se a mim para que as trouxesse para a Casa do Gaiato. Onde viveis, perguntei-lhes? Dormimos na rua e não temos onde comer. Esta cena repete-se, muitas vezes. Um grupo muito numeroso de alunos dum colégio, do Lobito, estiveram connosco, todo o dia, aproveitando o sábado para se divertirem, na companhia dos seus professores. Como sempre, aproveitei a oportunidade para lhes falar da nossa Casa do Gaiato. Ficam impressionados ao saberem que a Casa do Gaiato é a Casa de Família dos filhos abandonados, os filhos da rua. No convívio mútuo dão conta do valor humano que está escondido no coração deles. A grande diferença está neste ponto substancial. Está na família. Enquanto a vida desses filhos estudantes teve o acompanhamento familiar que lhes permitiu pôr a render a riqueza humana de que são portadores, os filhos abandonados encontram na Casa do Gaiato a ajuda para serem homens com a dignidade a que têm direito. Comovidos por

esta verdade, comprometeram-se a amá-los recolhendo donativos para as grandes necessidades por que estamos a passar.

Esta partilha é maravilhosamente consoladora. É uma manifestação de Amor que começa a fazer parte da sua forma de vida. Tem uma importância capital para o seu futuro. Que seria da nossa vida sem a partilha do pouco ou muito que tendes? A lembrança dos cinco mil dólares que o grande amigo da Casa do Gaiato nos deixou, vem confirmar a força do Amor. É um empresário. A nossa Casa do Gaiato de Benguela está no coração do Sr. Oliveira e da sua empresa. Quem dera a cultura da solidariedade seja animada nos corações das pessoas particulares, com possibilidades e nos corações dos empresários. É o caminho seguro, não tenhamos dúvidas, que leva a vida das empresas à solidez que as mantém de pé, com mais firmeza. Quanto mais deixarem de amontoar com egoísmo e quanto mais partilharem com os pobres e necessitados, de toda a ordem, o bem da humanidade está mais garantido. Vamos ajudar estes filhos que nos estão confiados a seguir o caminho certo. A educação pede muita paciência. O segredo da eficácia do serviço educativo está na perseverança do acompanhamento. Só com muito Amor! A nossa Casa do Gaiato de Benguela conta com a vossa ajuda. Com um beijinho dos filhos mais pequeninos. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

Que Deus ponha toda a virtude nestas regras carpideiras e faça brotar delas o querer dos corações. Ele que é capaz de fazer das pedras filhos de Abraão. Muitos nadinhas, de preferência a poucos muitos. Esta é a compensação feliz das amarguras de quem pede, quando recebe em cheio aquele *non* de três letras, aborrecido, impiedoso e muito prejudicial.

in *Pão dos Pobres*, vol. 1, pp 176.

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

UM dos nossos mais pequenos, o Alziro, num Domingo recente, pediu-me emprestada a caneta que habitualmente trago comigo. É uma esferográfica vulgar, mas muito útil para uso próprio e daqueles que espontaneamente ma pedem numa necessidade de momento.

Emprestei-lhe a caneta, não sem antes lhe dizer que não a perdesse pois gostava dela e me fazia falta, e que ma devolvesse nesse mesmo dia. Respondeu-me que sim, deixando-me a pensar comigo mesmo que certamente teria de arranjar outra para a substituir.

O nosso rapaz precisava da caneta para apontar, num livrinho de sorteio da sua escola que tinha para vender, o contacto das pessoas que lhas iriam comprar. Nessa tarde de Domingo soalheiro, era de esperar que alguns dos nossos visitantes acudissem à preocupação do nosso gaiato.

A tarde correu sem que mais me lembrasse deste episódio. Chegada a hora do Terço, o Alziro foi de todos o primeiro a entrar na nossa Capela, e logo se dirigiu a mim para me entregar e agradecer a caneta emprestada. Se havia esquecido o primeiro momento em que lha entreguei, não sucedeu o mesmo com o da devolução da mesma, pois logo me ficou na memória uma marca forte deste acto de responsabilidade de um pequeno de sete anos.

Este acontecimento deixou-me a pensar na importância que tem o sentido da responsabilidade em tudo o que fazemos.

Muitas conjecturas se podem fazer e desenvolver a partir daqui, mas há uma primordial: Só é verdadeiro homem, perante os homens e perante Deus, aquele que é responsável no exercício da sua vida.

Mesmo aquelas pessoas que habitualmente desvalorizam o sentido da responsabilidade, gostam que os outros, nos assuntos que lhes dizem respeito, sejam responsáveis perante eles. Todos gostam de receber dos outros comportamentos de fidelidade, que é outro nome que poderemos dar à responsabilidade, mesmo que esses por sua vez, não sejam fiéis nem responsáveis.

Isto significa que o homem responsável é sempre bem-vindo e desejado, quando se tem em vista construir algo em conjunto. A pessoa fiel é um colaborador valioso e um promotor de paz e descanso para os outros, nas tarefas da vida.

É a partir das pequenas coisas que se pode avaliar o grau de responsabilidade de cada um, pois só é fiel nas coisas grandes quem o é nas pequenas. Quem não valoriza estas, não pode corresponder com seriedade e responsabilidade naquelas. Já Jesus o havia ensinado: «Quem é fiel no pouco também é fiel no muito.»

O Alziro deixa assim boas referências para o seu presente e muita esperança para o seu futuro, já que é fiel nas coisas pequenas com que lida na sua idade. Uma relação responsável com os outros e o Outro alcança-nos a garantia de sermos bem acolhidos em todas as circunstâncias. □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

— Então? Que tem aí semeado?

O senhor ouvia mal, mas sentindo a minha proximidade, deixou o trabalho e estendeu-me a mão:

— Ando aqui a arrancar estas ervas, para semear umas favitas.

— Faz bem, a terra é boa. Sabe quem sou eu?

Tive de falar alto e repetir várias vezes. O homem olhou-me, tirou o chapéu e os seus olhos brilharam aureolados, por uma barba russa com mais de dois meses.

— Venha ver onde vivemos!

Olhei para a barraca, que tinha a porta fechada. As paredes são de tijolo delgado e sem reboco por dentro e por fora. O telhado é de fibrocimento, nu, sem forro, com alguns pequenos buracos à vista. Muito baixo, quase lhe chegamos com a cabeça. O chão é térreo, coberto de alcatifas, passadeiras e carpetes velhas e húmidas. A bar-

raca tem duas divisões e o idoso levou-me logo para a segunda, após entrar na primeira. Fui atrás do «olhe, veja como nós vivemos». Havia um montão de roupa, que não cheirava mal e um sofá velho onde dorme o filho.

Estava ali absorto naquela medonha desgraça, quando me aparece uma figura alta a bater com a cabeça no telhado, de cabelo raro e grande.

— Ó Sr. Prior, você não me dá lá trabalho? Olhe que eu vou de graça e só pelo comer.

— É o meu filho. — Disse carinhosamente o ancião. — É ele quem nos vale.

— Tomo conta deles. — Acrescentou o homem alto.

Voltamos para a primeira divisão, que eu não tinha observado em pormenor. E vejo uma mesa, uma cama larga e um remoer de lume a um canto, rodeado de duas cadeiras, uma de plástico e outra de madeira.

A mulher levanta-se a cambalear. O homem apresenta-nos:

— É o sr. prior do Gaiato, é a minha esposa.

— Ai, senhor prior, tire-nos daqui! Olhe que a gente morre aqui de frio! De noite o frio é tanto que nem dormimos. Eu tive um EBC (queria dizer um AVC), e não posso. Tire-nos daqui. Dê-nos uma casinha! Ai, a gente morre aqui de frio!

A mulher não se calava, repetia, repetia e as suas dores ficaram dentro de mim.

A barraca tem água e tem luz. Prometi-lhes uma máquina de lavar roupa, e quando leres isto, já lha tenho dado.

Por trás havia outra. Com a porta aberta, não sei se tinha porta, se era apenas uma abertura. Envolvida em rede plástica espessa, esta fazia de telhado, de paredes e de porta.

— São uns pobres que aqui me

apareceram. Eu deixei-os acoitar aqui. — Diz com ternura o pobre velho.

Não avancei. Assomei-me simplesmente à entrada e os meus olhos viram o inimaginável: — Uma cama larga, um fogareiro coberto de brasas, e três figuras humanas a aquecerem-se, sentadas em semi-círculo à volta do braseiro, frente à abertura. Uma era cega, a mulher; a filha dele, também quase invisível e ele.

Ali estavam as três criaturas, a passar o tempo à volta do calor, junto à abertura, para não lhes faltar o oxigénio.

Troquei com eles algumas palavras.

O homem levantou-se, aproximou-se de mim. Teria 60 anos? Talvez!

— Você, de onde é?

— De Alcochete.

— E a sua mulher?

— De Setúbal.

De todos, em coro, saiu um grito que eu desejava chegasse ao fim do mundo:

— Tire-nos daqui! Tire-nos daqui! A gente morre aqui de frio! Dê-nos uma casinha.

Não sei como estas pessoas chegaram a um estado destes; o caminho que percorreram; as oportunidades que não aproveitaram.

Mas, esta situação acusa por si mesma, uma desigualdade inqualificável, uma frieza socialmente criminosa das instituições sociais, a instalação cega da sociedade egoísta e, pelo menos, a reduzida ousadia da fé cristã.

Bem nos pede o Papa Francisco para irmos às periferias. Mas, normalmente, optamos pelo conforto da sacristia ou, então, assistimos à moda do Estado.

Estes casos repetem-se por toda a cidade e apagam na minha alma todo o brilho das iluminações natalícias. □